

ed.
07
out/2022

umbandainiciatica.com.br



O.I.T.C.

Ordem Iniciática do Tríplice Caminho
Templo do Caboclo Sete Ondas



. O Templo Fala ao Discípulo . Fenômenos Linguísticos da Coroa do Verbo . Ervas na Umbanda - Oxalá
. Breve Histórico da Astrologia Ocidental . O Povo da Terra da Serpente Divina



UMBANDA INICIÁTICA A Revista

EDITORIA

Direção Geral: Mestre Ygbere
(Olavo Solera).

Supervisão: Mestra Obaositalla
(Jociane Negrão).

Editor: Arapuan (Wilins Siqueira).

Redação: Arapuan (Wilins Siqueira).

Direção de Arte: Ytaocam (Bruno Ciaco).

Coordenação de TI: Yabatsara
(Gustavo Vieira).

Membros da OITC: Mestre Ygbere
(Olavo), Mestra Obaositalla
(Jociane), Ytaocam (Bruno), Arapuan
(Wilins), Yacileda (Rachel), Yabiritan
(Fabio), Yashinario (Karen), Kaananty
(Guilherme Pontes), Tashinara (Thiago),
Yanaraty (Roberta), Obiatan (Damião),
Yabataiara (Robson), Yanahash (Julia),
Yamará (Rafael), Yacyodhara (Eloci),
Yabatsara (Gustavo), Oryanan (Cintia),
Yaboyaledé (Lize), Yanaracyara (Maria
Elvira), Yaranala (Flavia), Yabayara
(Juliano), Yabatobi (Marcelo), Aryabhava
(Silvana), Débora, Flavio, Manuela e
Wagner.

Ordem Iniciática do Tríplice Caminho
(OITC) - Templo do Sr. das 7 Ondas
Rua Latif Fakhouri, 298 –
Vila Santa Catarina
CEP 04.367-010. São Paulo – SP
Telefones: +55 (11) 98110-0619



Ygbere (Olavo Solera)
Mestre-Raiz da O.I.T.C
Templo do Sr. das 7 Ondas

O TEMPLO FALA AO DISCÍPULO Pt. 6 - por Mestre Ygbere

(Olavo Solera)

Um pouco antes de chegar a data de minha iniciação, em 1982 eu em um dia qualquer da semana que agora não sei precisar, ao dormir tive um sonho.

Sonhei que adentrava meu quarto, um homem alto de barbas grisalhas e de roupas que pareciam ser um uniforme e pedia que eu o acompanhasse. Ao sair pela porta do quarto, me vi subitamente remetido à frente de uma grande caverna de pedra e me senti impulsionado a nela entrar. Quando adentrei a mesma, encontrei um imenso salão repleto de bancos e que me lembrava um templo, pois a frente desses bancos existia uma mesa que parecia um altar ou Peji, apesar de não ter nada sobre ela.

Nos bancos estavam sentadas várias pessoas e pude ver no meio delas que estava o mestre Arhapiagha, sentei-me perto dele e aguardei.

Por uma porta lateral surgiu algumas pessoas e no meio delas vinha um senhor que me parecia ter muita idade, pois tinha barbas brancas e ralas e vestia uma túnica que me parecia ser de linho muito alvo.

Ao chegar à frente do altar, começou a fazer uma invocação e de repente surgiu em suas mãos uma série de bastões iluminados e que contei...

Aquele senhor, depois de fazer a invocação, vira-se para nós e chama meu nome para meu total espanto! Me levanto, e rapidamente fui até ele e me prostrei de joelhos a sua frente.

Esse senhor segurando com as duas mãos levanta aqueles bastões e diz que aquilo me pertencia e que eu saberia a hora certa de utiliza-los...

Ao pegar os bastões, me viro para o mestre totalmente comovido e mostro a ele como se o tempo parasse naquele momento.

Repentinamente acordo, e sentindo ainda uma forte emoção, penso em cada detalhe daqueles momentos e com uma ansiedade grande não via a hora do dia amanhecer para contar ao mestre o que tinha passado.

No dia seguinte, na parte da tarde, telefonei ao mestre e conto o que tinha passado em meu sonho da noite, conto sobre os bastões e inclusive o número dos mesmos, e ele me pede para repetir várias vezes o número que eu tinha visto, e naquele momento não entendia o motivo, apenas falei o que tinha visto e o mestre diz que falaria depois comigo.

No dia seguinte o mestre me telefona e me pede para ir até a casa dele a noite pois tinha que passar algumas coisas que o Pai-Velho que me acompanha tinha passado a ele.

O dia demorou para passar, pois minha ansiedade de novício era gritante, quando chegou a noite me dirigi celeremente a casa do mestre, ele depois de me por sentado no sofá me mostra uma série de páginas que ele tinha recebido do Pai Moçambique e que onde ele falava de tudo que iria acontecer em minha vida, inclusive a possibilidade de algumas doenças físicas.

Naquelas páginas que guardo até hoje, falava ele ainda de preceitos que eu deveria fazer na mata para ter a escora necessária, bem como a respectiva oração poderosa dos bastões, e o sinal de pomba sagrado.

Naquele dia de 1982, eu recebia do mestre ainda as seguintes palavras: é meu filho, isso tudo é iniciação, é cobertura para compromissos sérios, então angarie forças desde já. Tudo isto é magia, enfim tudo é Aumbandam, e neste embalo vamos ficar na doce paz de preto-velho...



FENÔMENOS LINGÜÍSTICOS DA COROA DO VERBO

por Arapuan

(Wilins Siqueira)

Quem conhece o rito de Umbanda Esotérica ou Iniciática pela primeira vez, ou mesmo médiuns que estão dentro de uma corrente notarão que um ritual de Umbanda é cercado de sinais sagrados, pontos cantados e sons onomatopáicos produzidos pelas entidades, também ouvirão os médiuns chamando seus irmãos por nomes iniciáticos e utilizando certas palavras sagradas, todo esse conjunto verbal, é o que torna o ritual de Umbanda dinâmico e que encadeia todo o espaço mágico do terreiro. Ao olhar externo e curioso, a impressão que se tem é de uma verdadeira salada mística, misturando conceitos ora do africano, do indígena ou do europeu, muitos poderão dizer que existe uma apropriação cultural de determinados povos, mas ao olhar interno e esotérico todos esses conjuntos verbais formam uma cadeia de ensinamentos iniciáticos, que são repassados de Mestre para discípulo ao decorrer de uma trajetória, a esse conjunto de sílabas-sons e formas que encadeiam os mitos e ritos da Umbanda é o

que a tradição chama de Coroa da Palavra, também conhecida como Coroa do Verbo.

A Doutrina do Tríplice Caminho trazida pelo Caboclo das Sete Espadas (Mestre Orishiwara) por meio da mediunidade de Mestre Arhapiagha traz a clareza espiritual para adentrarmos esses conceitos iniciáticos, que aqui são apresentados ao público para luz e informação a todos aqueles que de alguma maneira sentem afinidades pela escola iniciática da Umbanda.

Ao falarmos da Coroa da Palavra convidamos o leitor, a ler as revistas anteriores para compreensão histórica e basilar da Ciência do Verbo em relação ao Tríplice Caminho Uno, terão a oportunidade de conhecer um pouco sobre Saint-Yves D'Alveydre e sua relação com alguns ensinamentos transmitidos na Umbanda Iniciática e Esotérica.

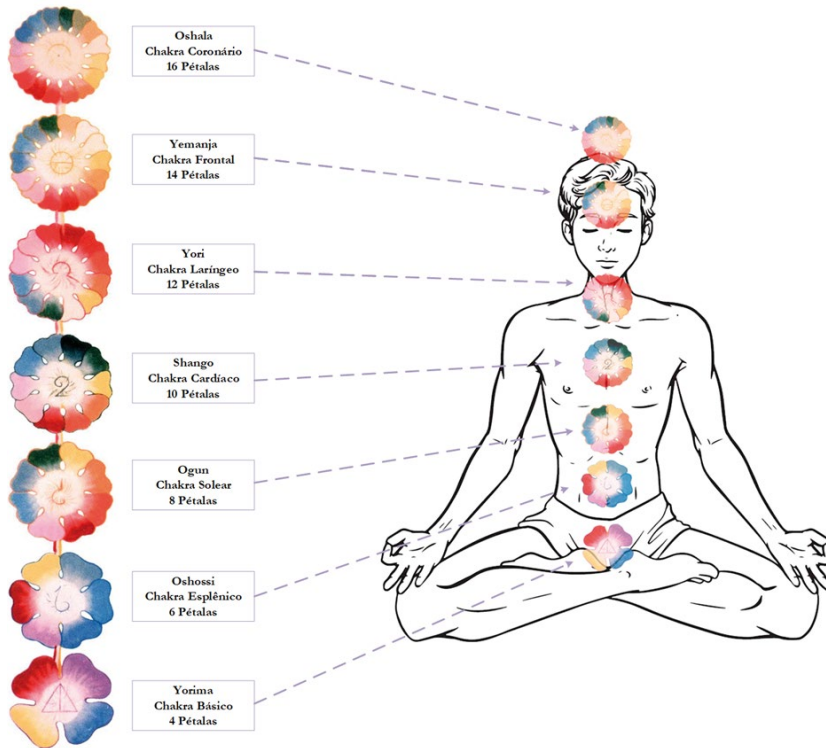
Dando continuidade aos estudos da ciência do verbo, dessa vez falaremos conceitos pouco abordados dentro dos terreiros de umbanda, que foram sutilmente colocados em algumas obras de Mestre Arhapiagha, somente em posse da compreensão desses conceitos é que possamos entender o quão

profundo se trata os estudos da Coroa do Verbo e a ciência autológica das letras “parlantes”.

Bija Mantras – Poder das Sílabas sementes

As sílabas sementes (sânscrito: *Bijaksara*) são constituídas por 22 sinais-sons que deram forma e concretização a todo léxico verbal sagrado nas antigas religiões e escolas de mistérios da humanidade, constituem potências fonéticas que são expressões da Lei Cósmica, portanto indiferenciadas de espaço-tempo ou aspectos culturais, acreditamos serem veículos do Verbo divino dos Orixás, seu próprio hálito criador das formas e dos seres. Elas dão forma e estrutura aos mantras sagrados dos Orixás, palavras de poder utilizadas pelos médiuns para neutralizar a ignorância, o ódio e a inação, proporcionando pouco a pouco a Autocura Umbandista.

Elas estão entrelaçadas ao poder e vibrações dos Orixás e se dividem em três planisférios, o primeiro planisfério revela a Onisciência, Onipotência e Onipresença Divina através da palavra sagrada ASTHÉ, transmitido pelos lorubas como Axé, que se traduz como princípio dinâmico e de realização,



trabalhado nos antigos centros de saber da humanidade tais como na Índia, Egito, Nigéria, Daomé, entre outros.

Essas raízes estão presentes em todas as línguas sagradas, tais exemplos são: o sânscrito, ioruba, bantu, védico, quiche, egípcio, hebraico, tupy etc., constituindo um grupo de antigas línguas mães de nosso planeta que possuem uma origem perdida no tempo, conectadas por um fio condutor que é o Sagrado, e que revela em seus verbos toda a ancestralidade espiritual de nosso planeta.

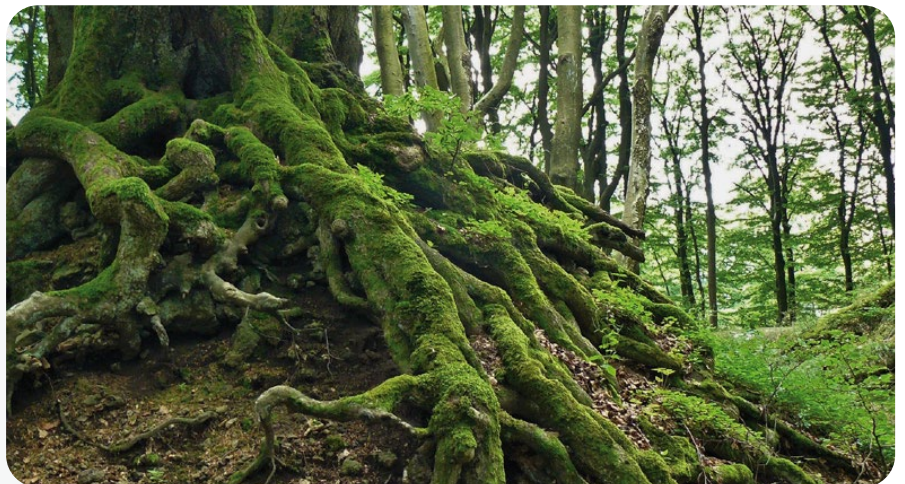
O termo *nostratic* foi concebido pelo linguista dinamarquês Holger Pedersen no início do século XX, sua origem etimológica prove do latim *nostrās* e significa literalmente “compatriota”, simbolicamente representa palavras que são irmãs, possuem uma essência, um sentido arquetipo comum.

O termo proto-nostrático foi muito bem usado por Mestre Arhapiagha em algumas de suas obras para evidenciar as conexões linguísticas entre o sânscrito e a Coroa da Palavra relacionando-as com as Doutrinas Tântrica, Mântrica e Yântrica, bem como evidenciando algumas permutações de determinadas sílabas sementes da Coroa da Palavra.

encadeia em seu verbo e seus correspondentes os Três Caminhos convergentes de se chegar à Unidade, conhecida na Umbanda Iniciática como Doutrina do Tríptico Caminho, o segundo planisfério revela os Sete Orixás em sua estrutura cosmogônica, os sete sons sagrados, os 7 principais chakras, e os ciclos e ritmos das divindades que operam na manutenção e ordenação do Universo Astral, e o terceiro planisfério nos mostra a criação da antropogênese bem como o caminho iniciático do homem, mostrando os meios de consciência, percepção e inteligência e vontade para que o homem se direcione ao caminho do autoconhecimento, transmutando os quatro elementos dentro de si e se torne um Ser de aspirações espirituais.

Raízes Proto-nostráticas da Coroa da Palavra

Ao decorrer das eras da humanidade, as sílabas sementes deram estrutura ao que a tradição chama de raízes proto-nostráticas da Coroa do Verbo, trata-se de um conjunto de sílabas-sons



Permutações Fonológicas da Coroa do Verbo

Mestre Yapacani (W. W da Matta e Silva) em Umbanda de todos Nós, pg 47, demonstra as variações morfológicas e fonológicas da palavra Umbanda, mostrando que ela estava conectada as cinco formas básicas da geometria e realizou um estudo diacrônico para demonstrar que ela se originava na palavra Aumbandan, traduzida como “Conjunto das Leis de Deus”.

Nesse exemplo vemos que ao decorrer do espaço-tempo essa palavra foi sofrendo alterações fonéticas através dos fenômenos linguísticos de aférese, bem como o fenômeno de apocope suprimindo o som N ao final da palavra, e que ela, a palavra Aumbandan é composta por três raízes protonostáticas como bem demonstrado pelo mestre em suas obras: “AUM-BAN-DAN”.

Outro exemplo dado dessa vez por Mestre Arhapiagha em Umbanda a Proto Síntese Cósmica é referente ao antigo vocábulo indígena Tubaba que através do fenômeno linguístico de apocope acabou se transformando em Tuba e foi posteriormente fonetizado como Baba pelos iorubas ou Tata pelo povo congo-angolas. Ele também exemplifica o fenômeno linguístico de prótese, dando formação a novas palavras de poder da qual eram chamados os antigos sacerdotes e condutores da humanidade, os chamados Tubabaraxas, Tubabaguaçus e os Tubabarawos.

Podemos citar alguns fenômenos linguísticos que ocorrem na ciência linguística e que estão presentes nos estudos da Arqueometria, tais como: aférese (supressão do fonema inicial), metátese (transposição dos fonemas na palavra), hipérese (transposição por outro fonema) prótese (adição de fonemas nas sílabas), apofonia



(substituição das tonalidades ou das vogais), ou apocope (supressão da última sílaba) .

A compreensão desses fenômenos linguísticos é de suma importância para a análise da “dança” dos verbos, pois através do estudo diacrônico podemos voltar ao passado e compreender o Homem, o Universo e a Natureza. Portanto, é possível estabelecer uma linha espaço-temporal para analisar o elemento observado e o observador, a maneira e o modo como determinado povo via o mundo ao redor, sua relação com a natureza, com o próximo e com o sagrado.

Ao contrário da ciência linguística atual, a Arqueometria não entende que todos os fenômenos linguísticos compartilhados pela ciência são corruptelas e transformações que a língua veio sofrendo ao longo do tempo. Ela não nega essa existência, mas não se limita somente a essas transformações, também abrange as permutações fonológicas da Coroa do Verbo com objetivos espirituais que seguem uma ordem e uma lei reinante do Verbo, conhecimento espiritual que os antigos sábios da humanidade

detinham no passado, resgatado por Saint Yves d’Alveydre e hoje está presente nos rituais de Umbanda.

Tais permutações, sejam das sílabas ou das raízes foram utilizados pelos mestres do passado para construção de palavras de poder, nomes de divindades e mantras, bem como a construção dos mitos que estão em antigos textos sagrados, é de posse do conhecimento desses sábios mestres que agora se transvestem pelas roupagens de caboclos, pretos velhos e crianças que podemos entender um pouco os Arcanos da Divindade e sermos melhores veículos para o atendimento ao próximo.

Abordamos esses conceitos informativos ao público, na certeza que a gira de Umbanda, é a manifestação viva e latente da Coroa do Verbo, que se realiza por meio das Entidades Ilustres, que se fazem presentes no dia a dia do terreiro, e que através do hálito divinos dos Orixás é capaz de trazer melhorias a toda comunidade, trazendo palavras profícuas de conforto e transformações positivas a todos.



ERVAS NA UMBANDA ESOTÉRICA/INIICIÁTICA – ERVAS DE OXALÁ

por **Mestra Obaositala**

(Jociane Negrão)

E, neste novo número da Revista de Umbanda Iniciática da OITC, retomamos nosso assunto preferido, as Ervas e seu poder Astro-magnético de cura e harmonização de nossos corpos físico, astral e mental.

Dentro de nossos artigos, respeitaremos todo o conhecimento trazido por meu avô W. W. da Mata e Silva e Pai Rivas, tudo de fácil acesso em suas obras, e na bibliografia no final deste artigo. Todos os autores que utilizaremos serão citados.

No último artigo, iniciamos a discussão sobre as ervas de Oxalá, quando falamos de Arruda, erva tão importante, que praticamente é sinônimo de magia e poder espiritual, sendo característica da Umbanda no Brasil. Vale a pena dar uma olhada no último número desta revista, e visitar esse conteúdo tão importante.

Todas as ervas de Oxalá são ervas e perfumes que representam o Sol. Os sumos dessas ervas são mais

apropriados para os amacys de cabeça, pois o Sol é o nosso centro de Luz e força, que irradia e vitaliza tudo ao nosso redor. Tudo sofre sua influência direta. Todas essas plantas são liberadas para qualquer filho de santo. São elas:

- . **Arruda.**
 - . **Jasmim.**
 - . **Alecrim.**
 - . **Maracujá**
 - . **Erva cidreira.**
 - . **Hortelã.**
 - . **Laranjeira.**
 - . **Levante.**
 - . **Girassol.**
- Matta e Silva ainda inclui:
- . **Arnica.**
 - . **Erva de São Joao.**
 - . **Poejo.**
 - . **Erva de Oxalá.**
 - . **Bambu.**

Os perfumes propiciatórios são **sândalo, jasmim, acácia, angélica.**

Maracujá/Mborucaayá

(*Passiflora edulis Sims.*, *Passiflora macrocarpa Mast.*, *P. alata Sims.*)

Esta planta/erva é originária da Argentina, Bolívia, Brasil e Paraguai. Usada como trepadeira ornamental e medicinal, por meio de suas flores e sementes. Na Umbanda, utilizamos suas folhas e flores.

Conhecida como Flor da Paixão. Seu nome litúrgico é Kankinse. Seu nome tem origem no tupi Mbo:cobra + caa:mata + Uya:fruto. Portanto, mato em forma de cobra. É o fruto do Mato da Cobra.

Seu fruto é conhecido como o fruto da tranquilidade, e suas folhas têm ação na ansiedade, asma, crises nervosas, espasmos, fadiga, inquietação, hiperatividade, insônia. O chá de suas folhas deve ser utilizado com cautela, por possuir ácido cianídrico, e facilmente leva a intoxicação. O óleo desta erva tem muitas aplicações na indústria cosmética.

Os tupi guaranis utilizam esta planta há muito tempo, em forma de cataplasmas, para tratar queimaduras, feridas e inflamações. A flor (que nasce na primavera) tem propriedades analgésicas, ansiolíticas, sedativas e hipnótica suave.

Nós contaremos apenas uma lenda apenas sobre essa erva maravilhosa.

Dentro da tradição, recordava-se que, num passado tão longínquo quanto as estrelas no céu, surgiu no seio da raça Tupy, iluminada pelo deus-sol (Guaracy), uma criança loira, que disse ter sido enviada por Tupan. Ela falava coisas maravilhosas e ensinava outra mais. Essa criança recebeu o nome de Yupitã (Yu:loiro/dourado + Pitã: criança), também chamado de Arapitã (ara: luz/esplendor). Depois, muito tempo depois de algumas gerações, apareceu um

velho de barbas brancas, vindo do Oriente, entre os Tupy-namba, dizendo-se chamar Suman (Sumé), que passou a ensinar a Lei Divina, e que Tupan o havia enviado. Sumé se despediu de todos, e começou a caminhar para o Oriente até desaparecer, deixando entre os Payé todo o segredo do Tuyabaécuaá, e assim ficou lembrado como o Pai da Sabedoria. Esta tradição também está presente entre os Tupy-guarani, o Yurupary (Messias), como uma das encarnações do Cristo Planetário.

Quando os Payés (guardiões da sabedoria de Sumé) queriam simbolizar a Divina Revelação da Natureza, a eterna verdade sobre aquele enviado de Tupã, que vinha sempre, desde o princípio da raça, utilizavam uma flor de Mborucayá. Esta flor revela a Verdade Sagrada, ela obedece a Guaracy (Sol), que é filho de Tupã. Quando ele nasce, ela vive. Quando ele morre, ela se fecha. Esta flor guarda a paixão e martírio de Yurupary, o filho de Chiucy.

Os Payés daqueles tempos conheciam a Magia, praticavam as modalidades mediúnicas (ritual Guayú para retirar a guayupia – feitiçaria), utilizavam caatimbó/timbó (defumações), cantavam para exteriorizar o macauam (corpo astral) e o mbaracá (chocalho). Os espíritos de luz que se manifestavam eram chamados de Rá-anga, e os atrasados Anhangá.



Erva Cidreira

(*Andropogon citratus*, DC,
Cymbopogon citratus, DC)

Erva originária da Ásia, América do Sul e América Central. É conhecida como erva cidreira, capim santo, capim limão, chá de estrada, capim cidrão, lemongrass, alecrim do campo, salsa brava, sálvia limão, pronto alívio. Nome litúrgico: Koriko Oba.

Nós devemos observar que chamamos cidreiras também outras ervas como as melissas (*Melissa officinalis* e *Lippia alba*). Todas são amplamente utilizadas na fitoterapia como calmantes. A erva cidreira (*Lippia alba*) também é utilizada em distúrbios gastrointestinais.

A *Lippia alba* é utilizada na Casa das Minas, e Cacciatore (1988) menciona que a *Melissa officinalis* tem a capacidade de aumentar a intuição e favorecer o desenvolvimento mediúnico. Além disso, Varella fala de seus efeitos antiespasmódicos, calmantes, e em combate a insônia.

O uso ritualístico é ligado ao seu efeito calmante. A defumação com o capim cidreira leva a tranquilidade, e ao direcionamento de decisões. Os banhos são utilizados para tranquilizar o espírito, aceitação de situações difíceis, e desenvolvimento mediúnico. E bate-folhas em quarto de crianças para diminuir o medo e acalmar.

É uma planta de lansã no Candomblé Ketu, usada em banho ritual de limpeza.



Hortelã

(*Mentha suaveolens*, L. *Mentha*, sp)

É conhecida como hortelã pimenta, hortelã de horta, hortelã comum. É um dos mais complexos grupos de ervas, resultado de inúmeros cruzamentos espontâneos e provocados pelo homem.

Na prática fitoterápica e ritualística, todas as mentas têm a mesma característica energética e vibratória. O gênero abrange ervas como diversas hortelãs, poejo, levante, entre outras.

A palavra menta deriva de Mintha, ninfa que a deusa grega Perséfone transformou em erva, por ciúme. Isto demonstra que seu uso remonta a antiguidade. Os chineses já a conheciam e cultuavam suas propriedades curadoras. Hipócrates, o Pai da Medicina, considerava-a afrodisíaca e estimulante. Plínio, o velho filósofo romano, apreciava suas propriedades analgésicas.

Nos banhos, a hortelã, é utilizada como estimulante, energizante, mantenedora e estabilizadora da energia vital, sendo uma excelente ferramenta para fortalecer o espírito, trazendo ânimo e coragem. Utilizada em banhos, defumações e benzimentos. Podem entrar em todos os preparos equilibradores e que buscam abrir caminhos, levantar o Astral, atrair boa sorte, etc.



Laranjeira

(*Citrus aurantium*, L.)

É cultivada em áreas tropicais e subtropicais de todo mundo, especialmente no Brasil e EUA, mas acredita-se que é nativa do Vietnã, Índia e sul da China.

É uma planta de Oxalá e Oxum. As suas flores são aplicadas nas obrigações de Ori e em banhos. As folhas também são empregadas em banhos. O chá é calmante.

Esta planta simbólica a Pureza, castidade, inocência, fertilidade, e por isso, é utilizada em cerimônias de matrimônio.

O banho é indicado para acalmar o espírito e tranquilizar ambientes, trazendo uma aura de harmonia e paz. O uso culinário, fitoterápico e cosmético é muito utilizado para a água de flor de laranjeira.



A casca da fruta é usada, após secar, para defumações de purificação e energização de ambientes, e preparo de ambientes para atividades diversas (trabalho e comércio). Usada em banhos para repor energia vital.

As folhas seguem o mesmo padrão da casca, excelentes para o uso junto com outras ervas em banhos e defumações.

Assim como o limão, as folhas também podem ser adicionadas aos preparos nas vibrações de esquerda.

A partir da flor de laranjeira (flor de azahar) podem ser feitos produtos que acalmam a ansiedade, tratam indigestão e insônia.

Girassol

(*Helianthus annuus*, L. Asteraceae)

É conhecido como girassol de jardim, e semente de papagaio. O nome ritualístico é Ododo iyeye.

É originária do Peru.

Planta de Oxalá, somente a ele dedicada. É muito utilizada no Candomblé e Umbanda. Por ter grande importância, entra na composição do abô e em qualquer obrigação de Ori. Usado na Iniciação, tem a finalidade de condensar fluidos, reforçar o magnetismo pessoal e ajudar nos processos divinatórios.

É também utilizado na defumação (somente folhas) em casa e para limpeza em forma de banhos, pois destrói larvas astrais. Nos banhos, usar pétalas e folhas.

As sementes são utilizadas para tratamento de trombose, contusões, úlceras, dores no peito, furúnculos, hematúria (sangue na urina), dor ocular, dor epigástrica, retenção urinária, e interrupção da



menstruação). O óleo é recomendado para dores no peito, e as sementes torradas são utilizadas contra enxaqueca e ansiedade.

É um poderoso fortalecedor e mantenedor da vibração de paz, alegria, harmonia e sentimentos virtuosos.

Os banhos com as pétalas de girassol são eficazes para reposição de energia, levantar o astral, proporcionando recuperação de doentes, cura e vontade de viver.

A defumação com suas sementes, que também entram nas garrafadas energéticas, pode ser usada para estimular a força de vontade, em casa e no trabalho.



Alecrim

(*Rosmarinus officianis*, L.)

É uma erva originária do sul da Europa.

Os nomes populares são alecrim de casa, alecrim de cheiro, alecrim comum, alecrim de horta, alecrim de jardim, erva coroada, flor de Olimpo, rosa marinha, rosmarinho. O nome ritualístico é Ewéré.

O alecrim estava relacionado entre as plantas mágicas e sagradas que os gregos e romanos consagravam aos deuses, como ativador da memória, simbolizando a juventude. Os seus valores medicinais já eram apregoados pelos mestres da Antiguidade como Avicena, Hipócrates, e Galeno, principalmente como unguento. Foi utilizado para incensar e embalsamar os reis egípcios, e conta a lenda que escondeu e protegeu Nossa Senhora e o menino Jesus na fuga para o Egito.

É considerada planta com poderes de afastar doenças e outros malefícios, sendo comum na feitiçaria portuguesa e ibero-americana.

É uma planta dedicada a Oxalá, em banhos de amacis e na Iniciação.

Figueiredo (1983:171) menciona o alecrim ao lado de malva rosa, malva branca, açucena, manjerona d'angola, cama de menino deus e crisântemo branco, na preparação de amaci para fortificação da cabeça ou coroa do pai ou mãe de santo, nos rituais de confirmação, repetido de 7 em 7 anos. Diz ainda que todos os amacis são acompanhados de defumação e que o alecrim está presente dedicado a Xangô, lemanjá e Oxum, ao lado do incenso, alfazema e benjoim, levando mirra somente para Xangô.

Fichte (1985:245) menciona o alecrim utilizado na Casa das Minas em São Luis do Maranhão.

Bastide (1973: 221) ao tratar da macumba paulista, comenta que encontrou ramos de alecrim em altar junto a imagens católicas de Santo Antônio, São Benedito, Nossa Senhora, São João e São Jorge. Segundo o autor, junto a esse altar, processa-se o culto e atendimento de consultas. Acrescenta ainda que o alecrim é componente de remédios preparados para homens, ao lado da quina, erva de São João, ruibarbo, folha de limoeiro, marcela galega, folha de laranjeira, camomila, sene, rosas, gengibre. E ainda, o alecrim está presente na defumação junto com a palma benta, guiné, bálsamo, alho, arruda, e sal, para que as doenças e os fetiches transportados pelas almas não atinjam aquele que vai a consulta.

Nos terreiros de Umbanda, quase sempre no início das festas, o oficiante procede a defumação pela queima do alecrim, benjoim ou manjerição, segundo Valente (1977:62), ou ao lado de outras plantas.

Popularmente, é a erva da alegria e da paz de espírito.

-

Bibliografia:

- BASTOS, A. – Os cultos mágico-religiosos no Brasil. São Paulo, Hucitec, 1979.
- CACCIATORE, O. G. Dicionario dos Cultos Afro-brasileiros, terceira Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1988, 264 p.
- CASCUDO, L. C. – Dicionário do Folclore Brasileiro. São Paulo, Melhoramentos, 1980.
- CLAUS, E. P & TYLER, V. E. – Notas de fisioterapia. Rio de Janeiro. Lab. 1968.
- CRUZ, G. L. – Livro verde das plantas medicinais e industriais do Brasil. 2v. Belo Horizonte, Velloso, 1965.
- DEBRET, J. B. – Viagem pitoresca e histórica ao Brasil. Segunda Ed., São Paulo, Martins, 1949.
- DECELSO – Umbanda de Caboclos. Rio de Janeiro. ECO, 1973.
- FICHTE, H. – Die Pflanzen der Casa das Minas. In: Curare Etnobotanik. Sonderband 3185, março, 1985, pp. 241-248.
- FIGUEIRESO, H. – Banhos de cheiro, Ariachés & Amacis. Rio de Janeiro.
- FUNARTE – Inst. Nacional do Folclore (Cadernos de Folclore 33), 1983
- FONT QUER, P. – Planta Medicinales – el Dioscorides renovado. Quarta ed. Barcelona, Labor, 1978.
- NETO, F. R. – Umbanda, a Proto-Síntese Cósmica. São Paulo. Ed. Pensamento-Cultrix, 1989.
- UPHOF, J. C. Th. – Dictionaru of Economic Plants. Segunda Ed. Germany, J. Cramer, 1968.
- RATERA, S. E. & RATERA, M. O. – Plantas de la flora argentina empleadas em medicina popular. Buenos Aires, Editorial Hemisférico sur, 1980.
- SCHAUENBERG, R. & PARIS, F. – Guia de las plantas medicinales. Barcelonas, Omega, 1980.
- SILVA, W. W.M. – Mistérios e Práticas da Lei de Umbanda. São Paulo, Icone Ed, 1999.
- VALENTE, W. Sincretismo religioso afro-brasileiro. Segunda ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1976, 120 p. (Coleção Brasileira, 280).
- VARELLA, J. S. Das C. Ervas sagradas na Umbanda. Rio de Janeiro:Ed. Espiritualista (s. d.), 239 p.
- WATT, J. M. & BREYER-BRANDWIJK, M.G. – The medicinal and poisonous plants of Southern Africa. Segunda Ed. Edinburgh, E. & S. Livingstone, p. 124, 1962.

BREVE HISTÓRICO DA ASTROLOGIA OCIDENTAL

- por Yabatsara

(Gustavo Vieira)

Os sumérios na Mesopotâmia – uma região histórica da Ásia Ocidental – foram um dos primeiros a observar os movimentos dos planetas e estrelas. Por volta de 3000 a.C. eles já identificavam e registravam as principais estrelas e constelações. Posteriormente, na mesma Mesopotâmia, os babilônios e os caldeus se tornaram grandes astrônomos, deixando-nos diversos registros em papiros e escritas cuneiformes. Continuando com a pesquisa dos sumérios, os babilônios continuaram o desenvolvimento da roda zodiacal, e grande parte desse conhecimento antigo é utilizado na astrologia ocidental, como a conhecemos hoje.

Os templos desta portentosa civilização eram verdadeiros centros de conhecimento, onde os escribas eram também os astrólogos e os sacerdotes eram, ao mesmo tempo, os médicos e os mediadores da palavra dos deuses.

A prática de se observar e interpretar como previsões certos sinais ou detalhes nas vísceras dos animais abatidos ou sacrificados era comum entre seus adivinhadores. O fato de estes sinais serem encontrados em armas de caça desta época sugere que tal prática teve suas raízes em rituais objetivando obtenção e distribuição dos animais caçados para a alimentação do povo. “Qual é o destino deste animal? Qual parte do animal abatido se relaciona com qual membro da comunidade?”



Foi assim que os conceitos de divisação, qualidades de personalidade e tipos de elementos, conhecidos na astrologia tradicional e moderna, surgiram em sua forma primitiva.

Fazia-se uma lista de signos³ observáveis nas vísceras dos animais sacrificados, procurando-se por evidências, semelhanças ou analogias que evocassem imagens ou pressentimentos sobre ocorrências diversas na comunidade, eventos ou incidentes, fenômenos naturais, etc, constituindo-se então toda uma simbologia que representaria tais acontecimentos.

Um conjunto completo de chaves, códigos e regras surgiu então para orientar a prática. Registravam-se também

previsões feitas por diferentes sacerdotes para um mesmo

acontecimento, de modo a identificarem-se os sinais semelhantes que antecederam ao mesmo evento.

Assim, um catálogo de milhares de signos e regras de interpretação passou a formar o corpus doutrinário desse tipo de adivinhação. Podemos perceber como o animal, até então considerado objeto de poder pessoal (propriedade e alimentação), tornou-se progressivamente objeto de conhecimento e poder social.

O Calendário Egípcio

A História afirma claramente que sempre houve ligações perceptíveis entre a astrologia / astronomia e os acontecimentos da vida humana, desde o início das dinastias egípcias, por volta de 3.200 anos antes de Cristo.

² O vocábulo “divinatório” vem do Latim *divinare*, “predizer o futuro”, cujo radical *divinus* significa “divino”, ou aquilo que é proveniente relativo a ou proveniente de um ou mais deuses.”, que por sua vez, advém de *divus*, “deus ou divindade”. A palavra se formou dessa maneira porque adivinhar, que era a atividade de olhar para o futuro, pertencia aos deuses e estes falavam aos homens por meio de seus interlocutores, os oráculos.

³ A palavra “signo” vem do Latim *signum*: “sinal, marca indicadora”, ou seja, um sinal que indica ou expressa alguma coisa de forma abstrata ou que representa um conceito distinto do seu próprio, como por exemplo o sinal que representa o signo de Peixes no zodiaco, a cruz que é o signo do cristianismo ou a balança que é o signo da justiça. Já um símbolo é algo reconhecível por si só, que representa algum conceito, como um país que adota um leão como seu símbolo ou uma banda de rock que usa uma coroa como sua marca.

Nesta época os egípcios, que já haviam estabelecido um calendário de 360 dias, descobriram por meio da observação do nascer helíaco⁴ de Sírio que o Sol viaja ao redor do zodíaco em 365 dias e mais ou menos 3 horas.

Desta forma, este calendário apresentava as seguintes características:

- . O ano foi dividido em 12 meses, sob os auspícios dos 12 deuses principais;
 - . Estes meses, com 30 dias de duração, foram divididos em 3 períodos de 10 dias ou decanos, correspondendo às constelações que se erguem por um período de 10 dias pouco antes do Sol (novamente, o nascimento helíaco das estrelas);
 - . Os 36 decanos do ano foram atribuídos a 36 deuses e tiveram grande importância na organização da vida diária e no calendário social deste povo;
 - . O dia solar também foi dividido em 24 horas desiguais, cuja duração dependia da altura do Sol na época do ano, bem como da localização geográfica;
 - . Cada uma das horas tinha como regentes seu próprio deus específico; os deuses que agora chamamos de deuses “solares” governavam as 12 horas diurnas, e os deuses ligados à morte e ao renascimento governavam as 12 horas noturnas.
- Numerosos papiros encontrados, que datam de 1500/2000 anos a.C., atestam a relação estabelecida entre os períodos de tempo (anos, meses, decanatos, dias e horas) e os deuses, as lendas, os oráculos e outros elementos mitológicos desta civilização.

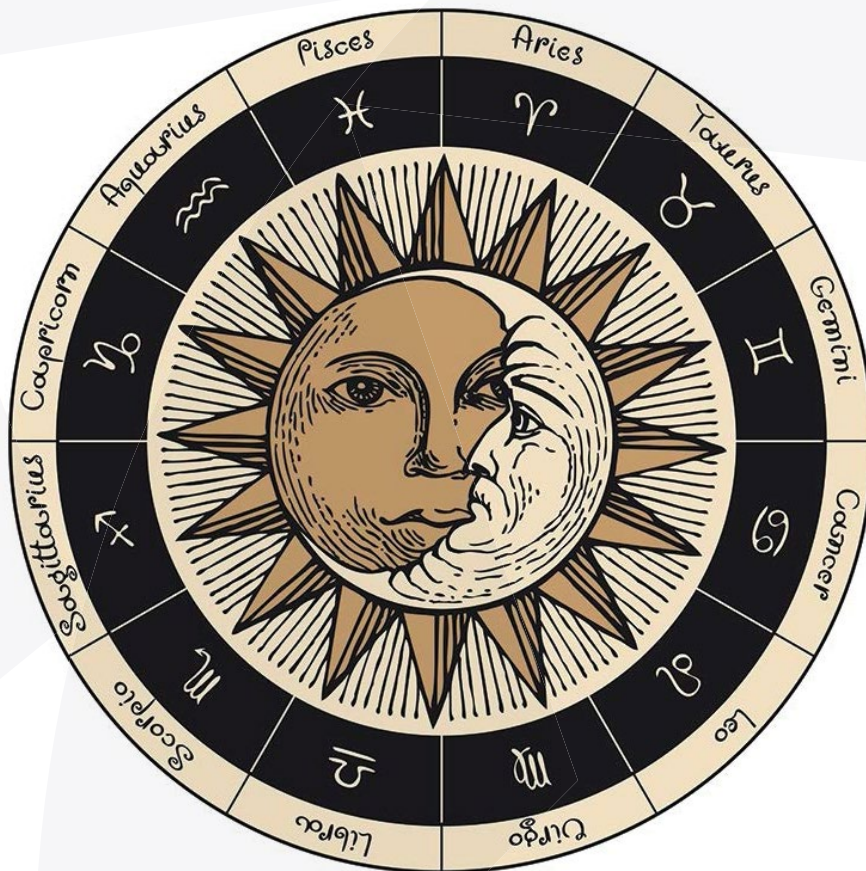


Mosaico do séc. VI representando uma roda zodiacal, em uma sinagoga em Beit Alpha, Israel, que incorpora elementos greco-bizantinos.



Constelações egípcias ptolomaicas em Dendera.

⁴ Ver seção “O Nascimento das Estrelas” mais adiante.



As origens do zodiaco

Por volta do final do Século V a.C, os astrónomos babilónios dividiram a eclíptica em 12 “signos” iguais, que correspondem aos 12 meses do ano com 30 dias cada.

Cada signo continha 30 graus de longitude celestial, criando o primeiro sistema de coordenadas celestes conhecido na humanidade.

Cada segmento era frequentemente identificado pelo nome de um animal e, mais tarde, os gregos forneceram o termo que descreveria este círculo que representava um cinturão de constelações.

A palavra “zodiaco” é uma contração da expressão em Grego zodiakos kyklos, que significa “círculo de animais”. Esta palavra provavelmente foi cunhada quando

o equinócio da primavera ocorria sob a constelação de Áries, por volta de 2.160 a.C.

Sem diminuir as respectivas influências dos egípcios (calendários e conhecimento do tempo), dos babilónios (astronomia), dos sumérios, assírios e caldeus (mitos, lendas e oráculos), podemos afirmar que os gregos devem ser creditados pela estruturação e síntese do sistema racional e majestoso que forma a base da astrologia tradicional.

Este esforço certamente foi apoiado pelos avanços deste povo no campo da matemática e pela lógica de seu pensamento, advindo do seu conhecimento tanto da filosofia quanto da própria natureza, além de sua estóica convicção

na inevitabilidade do destino do homem.

Para os gregos uma correlação foi inicialmente estabelecida entre os deuses e as forças planetárias e cósmicas, ou seja, entre o Olimpo e os céus. Desta forma, Saturno era a estrela de Cronos, Júpiter a estrela de Zeus, Marte a estrela de Ares, Vênus a estrela de Afrodite, Mercúrio a estrela de Hermes e o Sol a estrela de Apolo. A mutável Lua estava ligada a várias divindades: Hera, Semele, Perséfone e Hécate.

A geometria de Euclides constituiu uma ferramenta de suma importância por permitir medidas precisas, como a circunferência da Terra e o sistema de coordenadas da ascensão dos signos de acordo com suas localizações geográficas.

A álgebra e a trigonometria permitiram a composição das efemérides e das tabelas de ascensão dos planetas, ambas ferramentas vitais na produção de horóscopos.

Hipparcos, com a sua redescoberta do fenômeno da Precessão dos Equinócios (os egípcios já o haviam notado), permitiu que se fizesse a inteligente e oportuna migração do sistema zodiacal sideral ao sistema zodiacal tropical.

O círculo era usado como a representação do planisfério zodiacal, em correlação com a roda do destino. Sob as influências combinadas da geometria e do raciocínio pitagórico, a roda zodiacal foi dividida em 2 hemisférios (analogia do dia e da noite: setor diurno ligado ao Sol, setor noturno ligado à Lua), em 4 estações (representadas pelos signos cardinais, fixos e mutáveis) e depois em 3 elementos (os triângulos do Fogo, da Terra, do Ar e da Água).

⁵ A influência dos regentes egípcios-babilónicos (horas, decanatos, períodos, etc) teve efeito fundamental na conceituação do sistema de dignidades planetárias, em que cada signo do zodiaco está ligado a um planeta que, pelas afinidades, faz deste signo seu domicílio.



O POVO DA TERRA DA SERPENTE DIVINA

- por Mestre Ygbere

(Olavo Solera)

Nestas próximas edições falaremos do povo negro, sendo eles, fiéis depositários da Tradição Primeva, procuraremos descrever as várias nações africanas que vieram habitar neste país continente que é o Brasil. Poderemos ver neste texto alguns aspectos do panteão vivino que estes povos trouxeram e daremos início com a nação Jeje Mahi.

Etimologia da Palavra Dahomey

O povo de Dan que habitou por muito tempo o Dahomey e que tem seu significado como:

Dan = serpente - homey - terra divinizada, ou seja, Terra da Serpente divina.

Divindades Jeje

Dan para a nação Jeje Mahi, é considerado o maior Vodun dentro do culto. A família de Dan é composta

por muitos Voduns, todos eles com sua importância para os povos Fon. Dizem os mais antigos que, existem 3 reis e patronos da nação Jeje Mahi: Dàn Gbè (Bessém), Sògbò e Azansú. Assim como Oxóssi tem sua importância para o Ketu, Kitembo tem sua importância para o povo Angola, esses três reis seriam a grande potência da nação, sendo reverenciados e cultuados por todos os filhos, independentes de seus voduns. Dentre esses três reis, se destaca Bessém por ser um dos primeiros deuses a existir e dele tudo nascer. Bessém é a serpente da vida, aquela que no ato de morder a própria cauda deu origem ao movimento de rotação e translação da terra e a partir daí, sendo possível a existência de vida no planeta.

Os patriarcas da família de Dan é o casal Áídò Wèdò e Dàn gbállà. Áídò Wèdò seria a serpente arco-íris e Dàn gbállà seria seu reflexo nas águas. Logo Dan seria a origem de tudo no planeta, sendo um dos responsáveis por sua existência e

por sua habitação. Dentro da nação Jeje, Dan é o maior vodun, e a serpente, seu maior símbolo, sendo a representação viva de seu poder. A serpente representa o movimento e o dinamismo, uma vez que consegue se locomover com extrema facilidade e habilidade sem ser provida de patas ou outros membros; representa também a transformação, a evolução e a metamorfose, uma vez que troca de pele e se renova com frequência para poder crescer e se expandir; além de ser uma hábil caçadora e algumas espécies serem detentoras de poderosos venenos, mostrando seu poder e ao mesmo tempo exigindo cautela e respeito por parte dos demais animais e até mesmo nos seres humanos.

Dan não é só representado pela serpente, mas também pelo arco-íris que da mesma forma, possui grande significado para os dahomeanos uma vez que, sua presença nos céus é presságio de que não irá mais chover além de encantar pela sua beleza.

No antigo Dahomey, são inúmeras as lendas que mistificam a natureza dessa divindade, sempre enaltecendo sua grandeza, sua realeza e seu poder. Muitos são os voduns que compõe a família Dan, sendo Bessém (também chamado de Bafono) o mais conhecido e louvado, sendo seu nome sinônimo da própria Dan.

Destacam-se também Frekwén ou Kwénkwén, Ojikún ou Dan Jikún, Bossá ou Bossalabê e seu irmão gêmeo Bosukó, Dan Ikó ou Dankó, Azannadô ou Azoannadô, dentre outros, cada um com sua particularidade e mitos.

Na iniciação de um vodun Dan o sacerdote tem todo cuidado para iniciar o vodun em sua fase humana pois, sua fase serpente é muito perigosa e incapaz de entender os sentimentos, sendo apenas invocada em rituais e determinados atos. A grande festividade para esse vodun é o Gboità, ritual realizado no início do ano e que envolve todos os demais voduns, cada um recebendo as oferendas cabíveis e sacrifícios em seus Atisás (árvores sagradas com assentos). Após o Zandró, todos os voduns são invocados e já saem vestidos no arrebate, não existindo roda para invocá-los na sala. Seu presente, o gbòità é carregado por Ogun e depois posto aos seus pés, iniciando assim o ano e agradecendo a vida e por todo seu poder. O àndè (poço) é seu principal símbolo e é indispensável dentro de uma casa de Jeje.

O poço simboliza a abundância (uma vez que enquanto tiver poço, tem água e nunca faltará), além de representar um portal, entre o mundo subterrâneo e o nosso mundo, extraindo água do interior da terra, unindo de certa forma, ambos os elementos. Dan simboliza a riqueza, a prosperidade e a abundância. Une o macho e a fêmea, sendo sempre cultuado em casal e recebendo como sacrifícios animais

de ambos os sexos. Dizem os mais antigos que serpente nunca anda só, onde uma está a outra está por perto, à espreita. Para os iorubás Dan é chamado de Òsúmárè, deixando de exercer função de rei para ser súdito de Xangô (divindade do fogo e trovões). Segundo os mitos iorubás, Oxumaré leva água para o castelo de Xangô, no alto das nuvens, representando a devolução, trazendo água da terra para o céu e vice-versa. Essa transformação de Rei para súdito se dá pelo fato de conflitos entre povos Dahomeanos e povos iorubás, onde ambos sempre tentavam invadir suas cidades e escravizar seus habitantes. O fato é que Dahomey e demais povos iorubás sempre guerrearam, gerando uma aglutinação de cultos e distorção de fatos.

Dan é o grande Deus da transformação, senhor da vidência juntamente com Fá (vodun similar ao orixá Òrúnmillá dos povos iorubás) englobando tudo o que se diz respeito ao presente, passado

e futuro. Representa a sorte, a versatilidade e o conhecimento, sendo a divindade do raciocínio e da expansão.

Tem como colares o brájá (feito de búzios devidamente encaixados lembrando escamas de serpente, representando a realeza e a riqueza) e o húnjèvè, sendo este dado apenas aqueles cujo processo de iniciação está completo, com suas obrigações pagas, representando a maior idade e sendo o único colar que vai com o neófito mesmo após sua morte, como se fosse uma espécie de “senha” para ser recebido no mundo dos Voduns. Seu símbolo é o Draká, seta adornada com duas serpentes, mas não é errado vermos alguns voduns Dàn com outras insígnias em suas mãos tais como Adaga, òfá, garras, ágbégbé, variando conforme conhecimento do sacerdote e caminhos do Vodun. Sua vestimenta varia conforme o vodun, mas sua cor preferida é o branco, por simbolizar a união de todas as cores.



Alguns Voduns Dan

Dàn Gbé, Dàn Gbé Seén ou Gbesén (Bessém): o nome significa “adorar a vida”, é o Ako Vodun (Vodun Principal) do povo Jeje Mahi, dono do Sejá Hunde. É o Vodun ligado a vida e a renovação.

Frekwen, Flekwen ou Kwenkwen: Feminina, irmã gêmea de Tokwen e ambos são filhos de Aido Wedo e Dangbala. Guardiã do arco-íris em volta do sol. Também conhecida como Frekenda. Alguns dizem que é representada pelas cobras venenosas. Considerada pelos Jeje Mahi como a esposa (ou uma das esposas) de Bessém.

Dan Jikú, Ojikún ou Dan Jikun: Junto com Ewá, vive na parte branca do arco-íris e no arco-íris da lua. É quem trás as chuvas e é considerada uma das esposas de Bessém.

Azannadô, Azannawodô ou Azonadô (ou ainda Zoonodo): Este é um vodun ligado aos voduns de morada na árvore, como Loko. Era cultuado em uma grande árvore no Bogun. É um príncipe e é o símbolo da fartura.

Bosalabe: Toquem (adolescente) feminina, irmã gêmea de Bosuko e irmã de Ewá. Muito alegre e faceira vive nas águas doces. É conhecida também como Vodum Bossá.

Bosuko: Masculino, toquem (adolescente) e gêmeo de Bossá.

Dan Ikó: Ligada e por vezes confundida com Lissá e Oxalá.

Aido Wedo ou Dan Aido Wedo: É a “Serpente Arco-Íris”, um Vodun raro e pouco conhecido, suas escamas têm o poder de refração de luz, formando assim o arco-íris.

Dangbala ou Dangbala Wedo: Companheiro de Aido Wedo, e são pais de vários Voduns Dan. Dangbala é um vodun muito antigo, acredita-se que esteve presente na criação do mundo. Poucas são

as casas que tem fundamentos para fazer Aido Wedo e Dangbala. No culto creole do Haiti (Vodu) são tidos como os maiores Lwás (deuses do vodu).

Azli, Naê Aziri ou Aziri Tolá: É tida como uma serpente das águas, muito confundida com Òsún. Habita o fundo das águas doces e se veste de amarelo bem clarinho. Também muito confundida com Azli Togbosi (Aziri Tobôssi).

Obs.: No Ketu, muitos destes voduns são considerados qualidades de Oxumaré.

SEJA NOSSO PARCEIRO

Prezados irmãos e irmãs! Gostaríamos de poder contar com contribuições de qualquer valor para conseguirmos manter os trabalhos de divulgação da nossa Doutrina e das atividades de nosso Templo. Por favor, ajudem-nos para que nosso trabalho e nossa mensagem cheguem ao maior número de pessoas possível. Agradecemos de coração toda a ajuda recebida.

pix



Esse é o QR Code para doações via Pix, de qualquer instituição financeira.

Se preferir, utilize o email (chave pix) abaixo:

umbandainiciatica7@gmail.com

O.I.T.C.

SP - Brasil

